

## Disciplinas, Paradigmas e Olhares: O lugar de Paquete de Oliveira na construção do campo das Ciências da Comunicação em Portugal

---

**Autor** J. Paulo Serra

Universidade da Beira Interior, LabCom.IFP  
[pserra@ubi.pt](mailto:pserra@ubi.pt)

**Resumo** Baseando-se nos conceitos de disciplina, paradigma e olhar, este artigo tem dois objetivos principais: i) Refletir sobre a construção do campo das ciências da comunicação em Portugal; ii) Analisar a forma como Paquete de Oliveira perspetiva essa construção. Para a consecução do primeiro objetivo, o artigo analisa as disciplinas e os paradigmas a que pertencem os mais importantes fundadores das ciências da comunicação em Portugal, aí se incluindo Paquete de Oliveira. No que se refere ao segundo, procura-se caracterizar o olhar específico de Paquete de Oliveira sobre as ciências da comunicação a partir da análise de dois artigos por si publicados em 2000 e 2002.

**Palavras-Chave** Ciências da comunicação; Paquete de Oliveira; Olhar; Artigos.

**Abstract** Based on the concepts of discipline, paradigm and look, this article has two main objectives: i) Reflect on the construction of the field of Communication Sciences in Portugal; ii) Analyse how Paquete de Oliveira looks to this construction. In order to achieve the first objective, the article analyses the disciplines and paradigms to which the most important founders of the communication sciences in Portugal, including Paquete de Oliveira, belong. With regard to the second one, it is sought to characterize the specific look of Paquete de Oliveira on communication sciences based on the analysis of two articles he published in 2000 and 2002.

**Keywords** Communication sciences; Paquete de Oliveira; Look; Articles.

---

## Introdução

Como se depreende do título, o objetivo deste texto não é fornecer um balanço da vida e obra de José Manuel Paquete de Oliveira (1936-2016); esse balanço já foi feito, em devido tempo, por investigadores como José Luís Garcia (2016) e Filipa Subtil (2016). Este texto tem objetivos que são, simultaneamente, mais vastos e mais limitados que aquele: i) Refletir sobre a construção do campo das ciências da comunicação em Portugal; ii) Analisar a forma como Paquete de Oliveira perspetiva essa construção.

Para a consecução desses objetivos, utilizamos aqui três conceitos principais, que podem desde já ser definidos como segue:

1. **Disciplina:** conjunto de conhecimentos e práticas científicas que têm reconhecimento como tal pelo sistema de ensino superior e que nele se ensinam (Barthes, 1967/1984, p. 11), constituindo um sistema anónimo que funciona como princípio delimitador dos discursos científicos (Foucault, 1971, p. 32) – por exemplo a Sociologia ou a Economia.

2. **Paradigma:** conjunto de elementos metodológicos e conceituais, práticos e teóricos, partilhados por uma determinada comunidade de cientistas dentro de uma disciplina ou, de forma transversal, por cientistas de várias disciplinas (Kuhn, 1962, p. viii) – por exemplo o paradigma positivista ou o paradigma interacionista, nas Ciências Sociais.

3. **Olhar:** a forma como, no contexto de uma determinada disciplina e de um determinado paradigma, e influenciado por uma e outro, um determinado cientista concebe um certo objeto de estudo - por exemplo Talcott Parsons e Niklas Luhmann que, na Sociologia, comungando de um mesmo paradigma sistémico-funcionalista, têm no entanto diferentes olhares sobre os sistemas sociais.

Se os conceitos de disciplina e paradigma são mais ou menos conhecidos e consensuais, já o conceito de olhar merece algumas considerações adicionais.

O conceito de “estilo de pensamento” (*thought style*), de Ludwik Fleck (1979; 1947/1986), muitas vezes considerado como equiparável ao conceito kuhniano de paradigma – na medida em que ambos acentuam o carácter social e comunitário da ciência -, servir-nos-á aqui de ponto de partida. Como afirma Fleck (1947/1986, p. 151), “Os cientistas, mais frequentemente individualistas, não querem ver a natureza coletiva do pensamento”. Ora, se isto é verdade, não é menos verdade que os sociólogos da ciência – ou “sociólogos do pensamento”, como lhe chama Fleck – têm tendência a não querer ver senão essa natureza coletiva, menorizando ou anulando mesmo a sua natureza individual. À natureza coletiva do olhar, acentuada por Fleck, devemos então contrapor a natureza individual desse mesmo olhar, tão bem retratada num poema do nosso António Gedeão (1956/2004, pp. 92-93): “Inútil seguir vizinhos, / querer ser depois ou ser antes. / Cada um é seus caminhos. / Onde Sancho vê moinhos / D. Quixote vê gigantes./ Vê moinhos? São moinhos. / Vê gigantes? São gigantes.”. O que deve ser então ser explicado é a forma como, sob o jugo do pensamento coletivo – no caso, representado pelas disciplinas e pelos paradigmas - há, ainda, a possibilidade de haver na ciência um pensamento individual, um pensamento próprio.

Ora, como observa Mosner (2011), o próprio Fleck admite essa possibilidade. De facto, e ao contrário do que acontece para Kuhn, em que um mesmo indivíduo não pode participar senão num paradigma - os diversos paradigmas são não apenas antagónicos mas incomensuráveis -, para Fleck um cientista, como qualquer indivíduo em geral, pode participar em diferentes “coletivos de pensamento” (*thought collective*) e, desse modo, ser a ponte entre diferentes “estilos de pensamento”. Se esses estilos de pensamento não forem demasiado diferentes entre si pode surgir um conflito de estilos que leve o indivíduo a um estilo próprio, ainda que na “fronteira do campo” (Fleck, 1979, p. 110).

É precisamente a este olhar próprio que, sendo do coletivo, já está fora do coletivo, que nos referimos na expressão “disciplinas, paradigmas e olhares” que faz parte do título deste artigo.

É em termos muito similares a estes que a questão do olhar é colocada por Paquete de Oliveira num dos textos a que nos referimos adiante: “É uma afirmação comum aquela que nos diz: a ciência não tem pátria. Todavia, é incontornável que cada perspectiva de análise reflecte sempre um olhar pessoal, uma referência especificamente mais marcada por alguns lugares.” (Oliveira, 2002, p. 7). Isso não impede, no entanto, o autor de reconhecer, um pouco adiante, que, tendo em conta que todo o conhecimento depende das “condições teóricas, ideológicas e sociais em que foi produzido”, então “A autonomia do investigador será por isso sempre, de alguma maneira, uma autonomia relativa.” (Oliveira, 2002, p. 7). Apesar de a ordem dos termos ser diferente da nossa, a conclusão é a mesma.

## **O campo das ciências da comunicação em Portugal**

Antes de prosseguirmos, convém clarificarmos o que entendemos aqui por “campo das ciências da comunicação”.

No que se refere à expressão “ciências da comunicação”, ela equivale, grosso modo, aquilo que o Manual Frascati chama “Média e Comunicações”, e que é visto como uma classe de segundo nível da classe mais vasta que são as “Ciências Sociais” (OECD, 2015, p. 59). Num recente concurso a projetos de investigação lançado pela FCT, as “Ciências Sociais” são classificadas com um domínio científico e “Média e Comunicações” como uma área científica desse domínio, incluindo as seguintes subáreas científicas: “Jornalismo”, “Ciência da Informação (Aspectos Sociais)”, “Biblioteconomia” (*Library Science*), “Média e Comunicação Sociocultural”, “Outras Subáreas de Média e Comunicações” (FCT, 2017).

Relativamente à expressão “campo das ciências da comunicação”, ela releva, explicitamente, da conceção de Bourdieu. De acordo com essa conceção, que aqui adotamos, a ciência é um campo social que, como qualquer outro, envolve “as suas relações de forças e os seus monopólios, as suas lutas e as suas estratégias, os seus interesses e os seus lucros” (Bourdieu, 1975, p. 91). No caso do campo científico, as lutas são lutas pelo monopólio da autoridade científica, entendida simultaneamente como capacidade técnica e poder social, como capacidade de falar e de agir legitimamente acerca de certos assuntos (Bourdieu, 1975

pp. 91-92). Assim sendo, a emergência de novos campos – ou subcampos - no seio do campo científico resulta, em parte, do desenvolvimento interno ou autopoietico, como diria Luhmann, do próprio campo, mas também, noutra parte, de uma iniciativa de “fundação” ou “construção” por parte de determinados cientistas ou grupos de cientistas, nomeadamente ao que se encontram nas “fronteiras” dos paradigmas estabelecidos.

Mas esta iniciativa de fundação ou construção implica luta e esforço: luta contra os subcampos (ou subcampos de subcampos) já estabelecidos e consolidados, e esforço de delimitação de um objeto e método próprios, de elaboração de teorias, de criação de instituições de ensino e de investigação, de constituição de associações científicas e profissionais, de realização de congressos e outros eventos científicos, de orientação de teses e dissertações, etc. Esse foi também o processo seguido pelas ciências da comunicação desde que, em 1979, foi criado o primeiro curso de Comunicação Social, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Mesquita & Ponte, 1997; Mendes, 2011).

Deste modo, mesmo que consideremos que a ciência é uma república – a “república da ciência”, como lhe chama Polanyi (1962) -, com o progresso de geração a geração assente numa síntese entre tradição e inovação, entre os “velhos” e os “novos” cientistas, a tradição, antes de o ser, tem de ser criada – pelo que é difícil negar a ideia de que toda a ciência ou todo o (sub)campo científico tem os seus “fundadores” próprios.

É certo que a questão dos “fundadores” de qualquer obra humana é uma questão complexa: em regra os fundadores são múltiplos, nem sempre os que parecem ser os principais o são efetivamente, as influências de cada um são em grande medida desconhecidas, podendo não ser aquilo que pensamos, etc. Pese embora essa complexidade, no caso dos fundadores do campo das ciências da comunicação em Portugal, penso ser mais ou menos consensual a distinção dos seguintes docentes e investigadores, e das instituições a que estão ou estiveram vinculados: Adriano Duarte Rodrigues, Universidade Nova de Lisboa; Aníbal Augusto Alves, Universidade do Minho; José Paquete de Oliveira, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa; Moisés de Lemos Martins, Universidade do Minho; António Carreto Fidalgo, Universidade da Beira Interior.

A análise dos currículos destes fundadores mostra o seguinte em termos das disciplinas em que fazem a sua formação graduada e pós-graduada, bem como o local onde a fazem:

<b>Área de graduação</b>	<b>N°</b>	<b>Local</b>
Sociologia	3	Estrasburgo (França) - 2 Roma (Itália) - 1
Filosofia	2	Braga (Portugal) - 1 Lisboa (Portugal) e Würzburg (Alemanha) – 1
Teologia	1	Estrasburgo (França)
Comunicação Social	1	Lovaina (Bélgica)
<b>Total</b>	<b>7<sup>1</sup></b>	

Tabela 1: Área científica e local de graduação dos fundadores

Fonte: Currículos públicos dos fundadores

Das 7 graduações, apenas 1 é efetuada em Portugal, havendo 1 iniciada em Portugal e concluída na Alemanha, e sendo as restantes 5 efetuadas no estrangeiro (França, Itália e Bélgica).

<b>Área de Doutoramento</b>	<b>N°</b>	<b>Local</b>
Comunicação	2	Lovaina (Bélgica)
Filosofia	1	Würzburg (Alemanha)
Sociologia	1	Estrasburgo (França)
Sociologia da Comunicação	1	Lisboa (Portugal)
<b>Total</b>	<b>5</b>	

Tabela 2: Área científica e local de doutoramento dos fundadores

Fonte: Currículos públicos dos fundadores

No que se refere aos doutoramentos, apenas 1 é efetuado em Portugal, sendo os restantes 4 efetuados no estrangeiro (Bélgica, Alemanha e França).

Pode inferir-se, dos dados de ambos os quadros, que os fundadores do campo das ciências da comunicação são “estrangeirados”, o que se compreende desde logo pela ausência, em Portugal, das formações que os interessavam.

No que se refere ao paradigma em que cada um dos fundadores se enquadra, a indicação pode ser dada pelos temas das respetivas teses de doutoramento:

<sup>1</sup> Dos cinco fundadores, dois têm duas graduações em diferentes áreas.

Fundador	Título da Tese de Doutoramento	Ano
Adriano Duarte Rodrigues	<i>Le récit d'une minorité nationale. Essai d'analyse socio-sémiotique de la presse des immigrés Portugais</i>	1977
Aníbal Alves	<i>Presse régionale et émigration - analyse sémiotique du discours sur les émigrants dans les journaux de Braga.</i>	1983
Moisés de Lemos Martins	<i>Une orthodoxie pour une nouvelle chrétienté. La volonté de pouvoir salazariste</i>	1984
António Fidalgo	<i>O realismo da fenomenologia de Munique</i>	1985
José Paquete de Oliveira	<i>Formas de "censura oculta" na imprensa escrita em Portugal no pós 25 de abril (1974-1987)</i>	1989

Tabela 3: Títulos das teses de doutoramento dos fundadores  
Fonte: Currículos públicos dos fundadores

Pelos títulos das teses, podemos situar os seus autores num paradigma que podemos caracterizar globalmente como semiótico, crítico e fenomenológico – ou seja, muito distante do paradigma dominante, positivista e funcionalista, que esteve na base da emergência das ciências da comunicação em países como os EUA.

Outro facto de interesse sobre estes fundadores é que todos eles tiveram uma ligação mais ou menos estreita à Igreja Católica, havendo 2 ex-sacerdotes, 1 ex-frade, e 2 ex-seminaristas/estudantes de teologia.

### O caso singular de Paquete de Oliveira

Aplicando os conceitos de disciplina, paradigma e olhar ao caso de Paquete de Oliveira, é sabido que a sua disciplina é a Sociologia, tendo obtido a licenciatura em Ciências Sociais – Sociologia em 1973, na Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Faz depois, em 1989, no então ISCTE, o doutoramento em Sociologia - Especialidade em Sociologia da Comunicação, com uma tese intitulada *Formas de "Censura Oculta" na Imprensa Escrita em Portugal no Pós 25 de Abril (1974-1987)* (Garcia, 2016; Subtil, 2016). Este doutoramento é, como acentuam Mesquita e Ponte (1997), o primeiro na área da Comunicação e do Jornalismo em Portugal.

Em termos de paradigmas, poderemos situar Paquete de Oliveira no que defende uma conceção “antropo-socio-semiótica da comunicação”, uma designação que ele usaria, e que seria herdeira de autores como Charles H. Cooley e George H. Mead (Garcia, 2016, p. 773).

No que se refere ao olhar de Paquete de Oliveira sobre a comunicação e as ciências da comunicação, a sua caracterização é, simultaneamente, difícil e fácil de fazer.

Difícil, devido ao carácter disperso e algo fragmentário dos seus escritos sobre comunicação, que urgiria reunir e tratar. Fácil, porque ele dedica pelo menos dois pequenos textos a essa temática – e que, apesar de reduzidos quanto ao tamanho, não o são quanto à importância. Referimo-nos, mais concretamente, aos artigos “O desafio das divergências”,

publicado em 2000, e “Metodologias e práticas em ciências ‘indisciplinadas’”, publicado em 2002.

Atente-se, desde logo, nos títulos dos artigos.

Assim, no primeiro, as divergências são afirmadas, implicitamente, como um desafio – o substantivo correspondente ao verbo desafiar, que deriva de *des*+latim *afidāre*, de *fides*, “fé”, “deixar de confiar; provocar para o combate”.<sup>2</sup> Mas o desafio pode ser lido de duas formas, passiva e ativa: na forma passiva, o desafio é *das* divergências, sendo nós que somos desafiados por estas; na forma ativa, as divergências são algo que temos de desafiar. Seja qual for a forma, o desafio envolve um combate a que não podemos furta-los e que, vencendo-o, nos tornará mais fortes.

No segundo artigo, as ciências da comunicação são classificadas como ciências “indisciplinadas”, algo que pode ser visto pelo menos em dois sentidos diferentes: no sentido em que não são disciplinas, mas um conjunto de disciplinas que se articulam entre si de forma mais ou menos problemática; e no sentido em que fogem às regras disciplinares estabelecidas, procurando caminhos próprios, alheios às ciências mais solidificadas.

Divergências e indisciplina não são sinónimo de imperfeição, de uma qualquer falha original, mas condições da criação e do movimento – e é desta forma que, em geral, Paquete de Oliveira olha para as ciências da comunicação: não como um estado, mas como um processo; não como algo feito, mas algo a fazer. E, nesse processo, nesse fazer, a cooperação entre os investigadores das ciências da comunicação é um fim e um meio fundamental – daí a sua ênfase em entidades e atividades colaborativas como as associações de investigadores, as federações de associações, os congressos, as revistas científicas, os projetos de investigação.

Analisamos em seguida, de forma mais detalhada, cada um dos artigos, respeitando a ordem cronológica.

### *O desafio das divergências*

O artigo intitulado “O desafio das divergências” inicia-se, precisamente, com a referência a dois acontecimentos colaborativos/associativos que considera como “muito significativos para a história das ciências da comunicação em Portugal”: “a fundação da Sopcom - a Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (Fevereiro de 98) e a realização do 1º Congresso “As Ciências da Comunicação na viragem do século” (Março de 1999).” (Oliveira, 2000, p. 57).

O objetivo do autor do artigo, que resultou de comunicação apresentada previamente em congresso lusófono, é duplo: i) tomada de consciência do estado das ciências da

---

<sup>2</sup> Desafiar. *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Retirado de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/desafiar>

comunicação; ii) concitação à reunião de sinergias que permita o desenvolvimento da investigação em ciências da comunicação no mundo lusófono. (Oliveira, 2000, p. 57).

Para caracterizar o estado das ciências da comunicação, o autor adota a distinção feita por Alvin Toffler entre “três vagas na história da informação/comunicação”. De acordo com essa distinção, a 1ª vaga das ciências da comunicação – que podemos situar nos finais da década de 1970 - é

(...) sobretudo, a fase embrionária, aquela em que “cabouqueiros” desta matéria, no lançamento dos primeiros cursos ou na iniciação de primeiras investigações, se consumiram demais em escusadas escaramuças de demarcação de território, fechando-se sobre si mesmos, cerrando fronteiras, com um certo receio uns dos outros. (Oliveira, 2000, p. 59).

É precisamente nesse período que emergem as problemáticas que, em nossa opinião, ainda hoje marcam as ciências da comunicação em Portugal, e que Paquete de Oliveira enumerará adiante.

A 2ª vaga das ciências da comunicação é a da explosão dos cursos nas universidades, públicas e privadas, e nos institutos politécnicos, e que se verifica logo na década de 80 do século XX – aquilo a que Mesquita e Ponte (1997) chamaram “o milagre da multiplicação dos cursos”. Se é verdade que este “milagre” envolveu alguma desorganização e confusão, ele trouxe para o espaço das ciências da comunicação novas instituições de ensino superior, novas equipas de docentes e investigadores, novas ideias, que permitiram ao campo ganhar outra capacidade de afirmação no espaço académico e profissional (Oliveira, 2000, p. 60).

A 3ª vaga das ciências da comunicação terá começado já nos anos 1990, “marcada por uma nova relação interpessoal e interligada entre os diversos investigadores, grupos ou escolas”, e a que os dois acontecimentos evocados no início do artigo - a fundação da Sopcom, em 1998, e a realização do seu 1º congresso, em 1999 – “vieram dar impulso” (Oliveira, 2000, p. 58).

No entender de Paquete de Oliveira, a consolidação desta 3ª vaga implica lançar (novas) “pontes de ligação” com os docentes e investigadores da lusofonia e as respetivas associações (Lusocom, Ibercom, etc.) (Oliveira, 2000, p. 60).<sup>3</sup> Essa ligação pode ser uma das vias para a resolução de problemáticas emergentes logo desde o início das ciências da comunicação em Portugal (e não só), nomeadamente as seguintes:

- Delimitação do estatuto teórico-metodológico dos cursos e disciplinas que integram as chamadas ciências da comunicação;
- Desenvolvimento de projetos e práticas transdisciplinares e interdisciplinares que decorrem da própria natureza da comunicação;
- Especificação do objeto de estudo das ciências da comunicação;
- Definição do perfil dos candidatos aos cursos de ciências da comunicação;

---

<sup>3</sup> Esta necessidade aparece afirmada, de forma mais desenvolvida, numa entrevista concedida por Paquete de Oliveira a Virgínia Sónia Moreira e publicada na Revista Intercom, do Brasil (Oliveira & Moreira, 2002).



- Clarificação do tipo de formação a propiciar pelos cursos de ciências da comunicação;

- Clarificação da relação entre o ensino e a investigação em comunicação e as diversas práticas profissionais. (Oliveira, 2000, p. 60).

Da resolução destas problemáticas depende, em grande medida, a possibilidade de “procurar e exibir legitimidade institucional e social” nos cursos e na investigação em ciências da comunicação – no caso dos primeiros, levando ao reconhecimento “do seu estatuto académico e lugar social”; no caso da segunda, “reconhecendo as ciências da comunicação como uma área específica de investigação, assegurando o financiamento e a avaliação de projetos, e a criação de centros de investigação” (Oliveira, 2000, p. 61).

Até porque, concluía Paquete de Oliveira, “A declaração de emancipação e autonomia ainda está por completar.” (Oliveira, 2000, p. 61). Em relação a esta afirmação podemos dizer que, quase uma vintena de anos depois, a área das ciências da comunicação completou essa declaração – ainda que ela tenha de se confrontar, permanentemente, com as perturbações provocadas pelas políticas académicas e científicas dos diversos governos, as quais, muitas vezes, não são senão a ausência delas.

### *As ciências “indisciplinadas”*

Partindo da já referida dialética entre o olhar pessoal do cientista e a sua dependência das condições teóricas, ideológicas e sociais em que a ciência é produzida (Oliveira, 2002, p. 7), o artigo “Metodologias e práticas em ciências ‘indisciplinadas’” procede à identificação dos fatores histórico-sociais que condicionaram o estágio de desenvolvimento da investigação nas ciências da comunicação em Portugal.

Incluem-se, aqui, fatores como os seguintes:

i) O início tardio das ciências da comunicação nas universidades portuguesas e a predominância das estratégias de ensino sobre as de investigação;

ii) A origem dos fundadores em áreas e disciplinas que não as das ciências da comunicação, o que dificultou a construção de uma especificidade própria;

iii) Alguma desconfiança da academia tradicional relativamente às novas ciências;

iv) A falta de financiamento público a projetos de investigação na área das ciências da comunicação;

v) A inexistência de júris de avaliação de projetos com formação nessa mesma área;

vi) A desconfiança dos profissionais de áreas como o jornalismo, a publicidade e as relações públicas (Oliveira, 2002, pp. 7-8).

Esta situação de subdesenvolvimento começou, no entanto, a ser revertida devido a outros fatores emergentes, alguns já mencionados no artigo anterior: o aparecimento de novos cursos, em universidades e institutos politécnicos, trazendo para a ribalta novos núcleos de docentes e investigadores; a realização de projetos científicos, alguns internacionais e/ou com investigadores internacionais; a edição de novas revistas científicas;

a fundação da Sopcom e a realização do seu 1º congresso; a realização de congressos de federações como a Lusocom ou a Ibercom; a entrada de licenciados em ciências da comunicação nas profissões da área; a aproximação entre profissionais da comunicação e investigadores; a criação e o desenvolvimento de uma identidade (mais) própria (Oliveira, 2002, p. 8).

No entanto, estes fatores positivos não apagam as marcas que se encontram no “contexto genético” das ciências da comunicação, em Portugal e em geral:

- i) A matriz ancestral destas ciências;
- ii) A importação de teorias, métodos e técnicas de outras disciplinas;
- iii) Um objeto de estudo vasto, complexo e multidimensional;
- iv) A perturbação teórico-metodológica introduzida pela comunicação mediada por computador;
- v) A redescoberta epistemológica de novas metodologias;
- vi) A desterritorialização do espaço físico que marca os novos tempos;
- vii) A submissão da investigação em comunicação aos imperativos economicistas e produtivistas (Oliveira, 2002, pp. 9-10).

### Considerações finais

Um dos aspetos que torna interessantes os artigos de Paquete de Oliveira que acabámos de analisar é o facto de eles estarem, por assim dizer, *no meio*: eles são publicados cerca de uma vintena de anos depois do início institucional das ciências da comunicação em Portugal, e quase uma vintena de anos antes da nossa situação atual. Pode-se dizer, assim, que eles são textos simultaneamente diagnósticos e programáticos, textos que só por serem diagnósticos - do grego *diagnostikós*, “capaz de distinguir ou de decidir” – podem ser programáticos, isto é, traçar objetivos e formas de os atingir.

Os anos em que tais artigos são publicados - 2000 e 2002 – são anos em que já se constata, de facto, a transição das ciências da comunicação em Portugal para um estádio superior de desenvolvimento – para aquilo a que, como vimos, Paquete de Oliveira chama a 3ª vaga.

Para além da referência feita por Paquete de Oliveira à importância da fundação da Sopcom, em 1998, e da realização do seu 1º congresso, em 1999, há que referir pelo menos dois outros acontecimentos da mesma época que tiveram grande importância no desenvolvimento do campo das ciências da comunicação em Portugal:

I. Em 1999 sai o primeiro número da revista *Comunicação e Sociedade*, editada pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), da Universidade do Minho. Esta revista, que é a segunda da área em Portugal – a primeira foi a *Revista de Comunicação e Linguagens*, editada pelo Centro de Comunicação e Linguagens (CECL), da Universidade Nova de Lisboa, a partir de 1985 –, dá início a um surto de revistas nas várias universidades, institutos politécnicos e centros de investigação, levando ao total de cerca de dezena e meia

que hoje existem (Martins, 2012; Serra, 2013) - havendo duas delas que, entretanto, conseguiram a sua indexação na Scopus (a *Observatorio (OBS\*)*, editada pelo Obercom, e a *Estudos de Comunicação*, editada pelo LabCom.IFP, da Universidade da Beira Interior).

2. Em 2000 inicia-se a avaliação - e o financiamento - dos projetos FCT numa rubrica específica das ciências da comunicação e efetuada por comissão própria dessa área. Um pouco mais tarde, em 2003, é constituído o Painel para avaliação dos Centros de Investigação em ciências da comunicação, tendo havido um total de 8 centros avaliados, dos quais 5 pela 1ª vez – tendo um dos centros obtido a classificação de *Very Good*, três a de *Good* e quatro a de *Fair*. (Fidalgo, 2005, pp. 17-18).

Uma associação de investigadores ativa, ligada a outras associações internacionais, lusófonas e outras; a realização de congressos científicos nacionais e internacionais em períodos regulares; a publicação de revistas científicas; o desenvolvimento de projetos em centros de investigação; a elaboração e publicação de teses de doutoramento e dissertações de mestrado; tudo isto foram condições essenciais para a o incremento da investigação nas ciências da comunicação, para a melhoria do seu ensino e, *eo ipso*, para o reconhecimento académico e social do campo reivindicado por Paquete de Oliveira.

É certo que, apesar de importantes, estas vias não foram as únicas a garantir reconhecimento - como o mostra o próprio caso de Paquete de Oliveira, um homem de muitos mundos, em que confluíam o investigador e o académico, o profissional dos média e o crítico desses mesmos média.

No entanto, reconhecimento nem sempre é sinónimo de sucesso, ou de um tipo de sucesso que não seja definido de acordo com a lógica e os padrões do capitalismo intelectual e da *fast science*. Nesse sentido, parecem-me preocupantes algumas das tendências mais recentes das ciências da comunicação em Portugal, algumas das quais já antevistas por Paquete de Oliveira nos anos 2000, e de entre as quais se destacam as seguintes:

- O peso crescente e anacrónico do paradigma positivista-funcionalista e do “espírito” da *mass communication research*;
- O uso predominante ou mesmo exclusivo de metodologias empíricas e quantitativas;
- A aposta superlativa nas tecnologias e nas suas utilizações, decorrente de um utopismo tecnológico ingénuo e sem fundamento;
- A orientação para os resultados económicos e sociais;
- Uma especialização crescente.

Algumas destas tendências são, certamente, uma forma de responder à questão da relativa indefinição teórica e metodológica que caracterizavam as ciências da comunicação nos seus inícios. No entanto, isso é conseguido à custa da redução da diversidade e da complexidade do fenómeno comunicacional e, desse modo, das possibilidades do pensamento e da investigação na área – na prática, tornando as ciências da comunicação ciências *convergentes e disciplinadas*.

Recuar até às *divergências* e à *indisciplina* dos momentos iniciais talvez fosse, deveras, a melhor das homenagens a fazer ao pensamento de Paquete de Oliveira.

## Referências

- Barthes, R. (1967/1984). De la science à la littérature. In *Le bruissement de la langue. Essais critiques*, 4 (pp. 11-19). Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (1975). La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison. *Sociologie et sociétés*, 71, 91-118.
- FCT (2017). Áreas científicas e painéis de avaliação - Concurso de projetos IC&DT em todos os domínios científicos – 2017 - AAC N.º 02/SAICT/2017 08 de março de 2017. Retirado de [http://www.poci-compete2020.pt/admin/images/20170308\\_Areas\\_Cientificas\\_e\\_Paineis\\_Avaliacao\\_AAC\\_02\\_SAICT\\_2017.pdf](http://www.poci-compete2020.pt/admin/images/20170308_Areas_Cientificas_e_Paineis_Avaliacao_AAC_02_SAICT_2017.pdf)
- Fidalgo, A. (2005). Discurso proferido pelo Presidente da Comissão Executiva dos III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO, Prof. Doutor António Fidalgo, na Sessão de Abertura dos Congressos. In A. Fidalgo & P. Serra (Eds.), *Actas dos III SOPCOM, IV LUSOCOM e II IBÉRICO, Volume I - Estética e Tecnologias da Imagem* (pp. 15-20). Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Fleck, L. (1947/1986). To look, to see, to know. In R. S. Cohen & T. Schnelle (Eds.), *Cognition and fact: materials on Ludwik Fleck* (pp. 129-151). Dordrecht: Reidel Publishing Company.
- Fleck, L. (1979). *Genesis and development of a scientific fact*. Chicago e Londres: University of Chicago Press.
- Foucault, M. (1971). *L'ordre du discours: leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970*. Paris: Gallimard.
- Garcia, J. (2016). Obituário “José Manuel Paquete de Oliveira (1936-2016)”. *Análise Social*, 220, Li (3.º), 771-775.
- Gedeão, A. (1956/2004). Impressão digital (Movimento perpétuo, 1956). In *Obra completa* (pp. 92-93). Lisboa: Relógio d'Água.
- Kuhn, T. (1962). *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Martins, M. (2012). Revistas científicas de ciências da comunicação em Portugal: da divulgação do conhecimento à afirmação do Português como língua de pensamento. *Intercom – RBCC*, 35(1), 233-251.
- Mendes, R. (2011). *A primeira licenciatura em comunicação social em Portugal (FCSH-UNL, 1979): contributo para uma reflexão acerca do ensino do jornalismo*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação: Estudo dos Media e Jornalismo, FCSH-UNL, Lisboa, Portugal.

Mesquita, M. & Ponte, C. (1997). Situação do ensino e da formação profissional na área do jornalismo 1996-97. Estudo elaborado para a Representação da Comissão Europeia em Portugal. Retirado de [bocc.ubi.pt/pag/mesquita-mario-ponte-cristina-Cursos-ComI.html](http://bocc.ubi.pt/pag/mesquita-mario-ponte-cristina-Cursos-ComI.html)

Mößner, N. (2011). Thought styles and paradigms: a comparative study of Ludwik Fleck and Thomas S. Kuhn. *Studies in History and Philosophy of Science*, 42, 362–371.

OECD (2015). *Frascati manual 2015: guidelines for collecting and reporting data on research and experimental development*. Paris: OECD Publishing. doi: <http://dx.doi.org/10.1787/9789264239012-en>

Oliveira, J. (2000). O desafio das divergências. *Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste, série Comunicação*, 14(1-2), 57-62.

Oliveira, J. & Moreira, S. (2002). Panorama dos estudos de comunicação em Portugal. *Revista Intercom*, 25(1), 111-119.

Oliveira, J. (2002). Metodologias e práticas em ciências “indisciplinadas”. *Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, 1, 7-10.

Polanyi, M. (1962). The republic of science: its political and economic theory. *Minerva*, 1(1), 54- 73.

Serra, P. (2013). Digitalização e acesso aberto na publicação em ciências da comunicação: o caso português. *Intercom – RBCC*, 36(2), 91-104.

Subtil, F. (2016). José Manuel Paquete de Oliveira (1936-2016): Uma vida de trabalho dedicada ao estudo e à formação em comunicação e jornalismo. *Comunicação Pública [Online]*, 11(21). Retirado de <http://cp.revues.org/1297>. doi: 10.4000/cp.1297

### **Biografia do Autor:**

J. Paulo Serra é licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras de Lisboa e doutor em Ciências da Comunicação pela UBI, de que é Professor Catedrático. É investigador na unidade de I&D LabCom.IFP, de que é também coordenador científico. A nível nacional, é o atual presidente da Sopcom.